

Os *Diálogos Makii* foram estruturados a partir da interlocução de duas figuras: o regente da congregação, Francisco Alves de Souza, e o secretário da entidade, o alferes Gonçalo Cordeiro. O relato têm como objetivo afirmar a necessidade de a congregação se manter alheia “de todo o abuso gentílico, e supersticioso” (práticas não-cristãs associadas à feitiçaria). Os estatutos, estabelecidos no fim do texto, regulavam principalmente a conduta esperada dos membros em relação às caridades praticadas no seio da comunidade Makii e o “sufrágio às almas”, isto é, a elaboração e a organização dos rituais fúnebres que sucediam ao falecimento de algum dos membros da irmandade.

Com relação ao aspecto literário da obra, os *Diálogos Makii* se vinculam a uma tradição que remonta à antiguidade clássica. Os diálogos são um recurso retórico, utilizado para expor controvérsias de ideias políticas, religiosas e econômicas, conforme relata Mariza de Carvalho Souza no posfácio. O mais interessante nos *Diálogos Makii* é perceber, nas brechas do formalismo que marca os requisitos do instrumento, o engenho de Francisco Alves de Souza no manejo de uma linguagem literária, de que ele lança mão com o fito de realizar sua missão persuasiva.

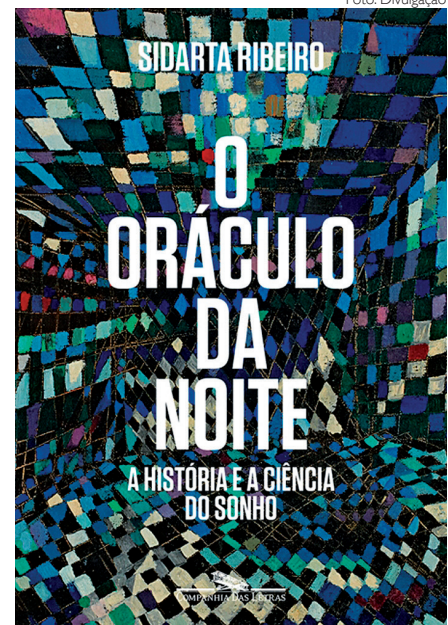
Em muitas passagens, as metáforas, as peripécias dos personagens e as dissimulações e negações em que se empenham os interlocutores aproximam o texto de uma estrutura narrativa de caráter ficcional, principalmente quando são relatados os empecilhos impostos pela viúva do

rei morto (que não é nomeada, mas que o empenho historiográfico identificou como sendo Victoria Correa) em ceder a primazia do trono a Francisco, bem como a recusa de lhe entregar as “tralhas” deixadas pelo falecido e que pertenceriam à congregação. Se não, veja essa passagem da página 22, quando o alferes Cordeiro se esforça para convencer Francisco Alves de Souza a assumir a regência da congregação: “Não seja importuno, e veja que há de morrer, ouça-me glórias, que hão de ser de tão pouca dura, para que é possuí-las? Vida que tão brevemente se acaba, para que pressá-la? Finalmente para que é fazer tanto apreço e estimação de uma exalação que desaparece, de uma seta que rompe o ar, de uma ave que voa, que não tem jazigo? [...]”.

Como se vê, em qualquer dos dois aspectos citados, os *Diálogos Makii* são um documento essencial que ajuda na compreensão dos modos de sociabilidade dos escravizados no Rio de Janeiro do século XVIII, além de remarcar o protagonismo da população escrava na organização de seu cotidiano numa sociedade escravista do antigo regime e, para finalizar, demonstra como esses atores operavam e manejavam as instituições disponíveis, algumas delas imputadas pelo senso comum como sendo privativas do mundo dos brancos.

*André Rosemberg,
graduado em direito, doutor em
história social pela Universidade de
São Paulo (USP – 2008) e pós-doutor
pelo Departamento de Sociologia e
Antropologia da Universidade Estadual
Paulista (Unesp/Marília) e pela PUC-SP
na área de história social.*

Foto: Divulgação



Em linguagem acessível, livro traz análise sobre o papel dos sonhos na história

RESENHA

A HISTÓRIA E A CIÊNCIA DOS SONHOS

Ao longo da história, os sonhos serviram de guia para os homens nas mais variadas situações. Não são poucos os relatos de guerras e conflitos cujos rumos foram ditados pelas revelações que líderes e chefes militares recebiam durante o sono. Assim como os outros mamíferos, em determinado momento de sua evolução os seres humanos passaram a sonhar, um modo que o cérebro utiliza para organizar as memórias, sedimentando as mais importantes, eliminando o desnecessário e, com isso,



Sidarta Ribeiro convida o leitor a lembrar e registrar os sonhos



Acima, *O sonho*, de Pierre Puvis de Chavannes, 1883; ao lado, *O sonho do eunuco*, de Jean Lecomte du Nouy, 1873

liberando espaço para o novo. A função dos sonhos pode extrapolar isso, ganhando outras dimensões, como ser um combustível para a criatividade ou apontar caminhos, direções a seguir, como um oráculo que visitamos todas as

noites, ao fechar os olhos e dormir. O sonho permite extrapolar os limites do real, do possível e da moral vigente.

Em *O oráculo da noite – a história e a ciência do sonho* (2019), Sidarta Ribeiro, neurologista do Institu-

to do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), faz uma trajetória analítica do sonho, dissecando sua origem, função e implicações, ao longo da história. Para isso, se vale dos registros históricos mais antigos já feitos e das pesquisas mais recentes em áreas como a neurobiologia, psiquiatria e psicologia. Afinal, conforme escreve o autor, “uma teoria satisfatória do sono e dos sonhos deve primeiro considerar todos os fenômenos relevantes, e não apenas parte deles. Em segundo lugar, deve distinguir as várias funções dos diferentes estados de sono e sonho. Em terceiro, deve produzir uma narrativa plausível de como tais

estados favorecem a aptidão para procriar gentes e cultura através do tempo”.

Nesse diálogo entre áreas aparentemente distintas alguns paradigmas são questionados. Primeiramente, há uma recuperação das ideias do médico e psicanalista Sigmund Freud cujos conceitos têm sido fortemente questionados nos últimos anos. No livro, os postulados freudianos ganham nova leitura e respaldo ao serem apoiados em novos estudos e evidências. Além disso, Sidarta descarta o caráter puramente lógico no estudo dos sonhos, que ignora qualquer subjetividade do indivíduo e da coletividade da qual ele participa. Segundo ele, essa visão criou a ideia que os sonhos, juntamente com o sono, têm a função apenas de organizar as memórias, sedimentando as mais importantes e eliminando as demais e liberando espaço para a aquisição de novas informações. Uma argumentação simples que Sidarta faz para contrapor essa ideia é: por que, então, temos sonhos recorrentes? Em um cérebro com um “número colossal de neurônios e conexões sinápticas [...] é impossível explicar a ocorrência [...] por meio da ativação cortical aleatória”.

A despeito do sólido embasamento científico, o autor estabelece um diálogo constante e fluído com seu leitor, o que torna o livro acessível a um público amplo. Sidarta reforça a importância dos sonhos para o indivíduo e para a sociedade: “Temos enorme capacidade de simular futuros possíveis com base nas memórias do passado”, diz.

Os sonhos são um misto de eventos passados e expectativas futuras onde o sonhador revive, a seu modo, na sua subjetividade, algumas situações ao mesmo tempo em que cria possibilidades de caminhos e resoluções. Por isso, ele convida o leitor a prestar atenção em seus sonhos, buscando “lembrar e registrar suas viagens ao interior profundo da mente”.

CRIATIVIDADE Para ele, esses “restos diurnos” que “preparam o sonhador para o dia seguinte” também contêm a chave da criatividade humana. Nesse sentido o autor traz um alerta, ao afirmar que o sentido de urgência e os imediatismos do nosso tempo estão cerceando o ânimo e a capacidade de criar meios para encarar os desafios atuais, tais como mudanças climáticas e conflitos pessoais e sociais. “Podemos dizer que nos últimos 300 mil anos o hardware biológico da humanidade mudou muito pouco, mas o software cultural evoluiu aceleradamente. É como se o acúmulo de ideias adaptativas fosse uma catraca, uma engrenagem que só gira para um lado”, teoriza o neurocientista ao pensar o conceito de catraca cultural do psicólogo norte-americano, Michael Tomasello. Ou seja, o nosso acúmulo cultural nos trouxe a um ponto de inflexão que exige de nós decisões e atitudes para além de saudosismos ou ideias simples. Como um oráculo probabilístico, os sonhos, podem ser aliados para encontrar novos caminhos e soluções.

Ana Carolina Bezerra

TERAPIAS DO SONO

Boa parte das pesquisas sobre o sono e o sonho se baseiam em mapear o cérebro em diversos estágios do sono e da vigília, analisar as regiões ativadas ou desligadas conforme o estímulo e identificar os hormônios envolvidos nesses processos. A ação de fármacos e de algumas drogas (lícitas ou não) se baseia exatamente nesse mecanismo de ligar e desligar. Ao discutir o papel do sonho na história humana, Sidarta não se furta a discutir temas delicados como as políticas sobre drogas, a indústria farmacêutica e como os médicos receitam esses fármacos. Ele argumenta que diversas culturas usavam - e ainda usam - substâncias psicotrópicas em rituais para que o usuário durma profunda e tranquilamente, dando fluidez e a possibilidade da lembrança dos sonhos. É importante ressaltar que essas práticas não acontecem de forma rotineira e sem supervisão. Celtas, aborígenes, ameríndios, por exemplo, permitiam e estimulavam a conversa, a partilha e a lembrança de sonhos, visões e revelações. Para o neurocientista, terapias que incentivam o paciente à autorreflexão podem ser mais eficientes em termos de efeitos colaterais para o tratamento de depressões, melancolias e ansiedades.